

LESLIE WOLFE

O CAÇADOR

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos
livros

1

FOGE!

O pântano cala-se quando grito. O meu grito curto, rapidamente abafado quando a minha mão trémula se apressa a cobrir-me a boca aberta, deixa o palco livre para o concerto de grilos, sapos e inúmeras outras criaturas que têm nos Everglades da Florida o seu lar. Passado um instante, a cacofonia de sons regressa em pleno vigor, como se eu nem estivesse ali.

Respirando em arquejos, encosto-me ao grosso tronco de um cipreste-calvo coberto de barbas-de-velho e escuto com atenção. Não muito atrás de mim, capto o som de um galho a partir-se. Levo a mão ao peito, numa tentativa súbita de acalmar o pânico do meu coração palpitante, ao sentir o seu avanço, aproximando-se a cada passo.

– Onde estás, pequena e doce Daisy? – A sua voz, áspera, lasciva e repugnante, parece eivada de riso, mas sei que não é assim. É a antecipação da caçada, a euforia que lhe corre pelas veias ante a ideia de me ver sangrar, contorcendo-me de dor aos seus pés, implorando a sua misericórdia.

E aproxima-se mais a cada passo que dá, esmagando folhas apodrecidas e frondes de palmeira sob as botas, espargindo um medo indescritível no meu sangue. Preciso de toda a minha força de vontade para não fugir dali aos gritos e a correr o mais rápido que posso. Fico quieta, sustendo a respiração, sabendo que, assim que puser os pés em campo aberto e ele me vir, abater-me-á implacavelmente.

Nunca falha.

Tenho as cicatrizes que o provam.

Tremem-me os joelhos, e a minha respiração, superficial, áspera e entrecortada, não tardará a dizer-lhe onde estou escondida. Tenho de me mexer antes que ele chegue demasiado perto de mim. Mal controlando a sufocante sensação de pavor que me sobe do peito, procuro a próxima árvore suficientemente ampla para me dar alguma cobertura.

A mais próxima fica à beira de umas águas estagnadas e pode haver um jacaré à espreita junto às suas raízes. Há outra, a uns quinze metros de distância, completamente enraizada em terra seca. Mas quinze metros parecem um desafio inacreditável quando ele anda por ali, a poucos metros, a caçar-me.

Com cuidado para não ser vista, apanho um punhado de terra do chão e sopeso-o na minha mão, ainda à espera que ele se aproxime. Consigo ouvir o coxear nos seus passos, na forma como grunhe ao apoiar o seu peso no pé direito, resmungando palavrões a cada passo. Ainda assim, avança.

Capto um vislumbre dele ao aproximar-se. Vejo-o apenas por uma fração de segundo por entre a cortina de árvores e cascatas de musgo. O seu rosto parece esculpido em pedra, a antecipação da caçada escrita em cada feição e cada traço. O meio-sorriso, o esgar que lhe distende a boca, é um presságio do destino que tem reservado para mim. Mas os meus olhos são atraídos para a besta que segura facilmente na mão direita, uma arma pequena e compacta que pode mandar a morte na minha direção sem emitir o mais ínfimo som. Apenas ligeiramente maior do que uma pistola, aquela coisa infernal pode disparar múltiplas flechas sem recarregar.

Vi os estragos que pode fazer.

Senti as suas flechas rasgarem-me a carne.

Com o medo a embargar-me, mudo de posição sem me aperceber, esmagando folhas secas sob os meus pés. O som, quase impercetível a coberto da miríade de criaturas afadigadas ao cair da noite, chama-lhe a atenção a metros de distância. Vejo-o paralisar, à minha procura, virando apenas a cabeça e, com ela, a mira daquela maldita besta.

Sustenho a respiração.

E espero.

Passam segundos que parecem horas. Insetos reclamam da minha pele a sua refeição de sangue, mas mal me apercebo. Os meus olhos mantêm-se cravados na silhueta que mal consigo distinguir para lá das cortinas sobrepostas de musgo. O vento intensifica-se um pouco e move suavemente as correntes de musgo junto a mim, baixinho. Uma gavinha toca-me o rosto e eu quase estremeço, mas mantenho-me imóvel, a observá-lo, à espera do momento certo para fugir.

O pio de uma coruja por perto fá-lo virar a cabeça na minha direção, mas não me vê. Olha para lá de mim, lambendo os lábios e sorrindo.

– Vá lá, minha querida menina, mostra-te. – A sua voz é quase convincente. – Não podemos deixar que os bichos da noite te cacem. – Uma risada rouca. – És minha.

Dá mais alguns passos ao longo do caminho e volta a parar, a cabeça ligeiramente inclinada, provavelmente a ouvir com atenção. Olho para a terra na minha mão, planeando o meu lançamento. Com sorte, o ruído que fará ao atingir as palmeiras do outro lado do caminho desviar-lhe-á a atenção durante tempo suficiente para me permitir fugir.

Ver a terra negra na minha pele embarga-me. Os cheiros a terra húmida, a pântano, a bruma, a água salgada e a morte apoderaram-se da minha mente cansada e enchem-na de memórias demasiado dolorosas para suportar.

David.

O meu marido, o amor da minha vida, morreu.

Imagens passam-me diante dos olhos. A sua pele pálida coberta pela terra que deitei por cima do seu corpo ainda quente. As suas mãos, marcadas por uma luta que acabou em sangue, pousadas sobre o peito. Os seus outrora vibrantes e afetuosos olhos, agora fechados para sempre.

Fui eu quem o entreguei à terra húmida dos Glades. Com as minhas próprias mãos. E devia estar lá, enterrada ao seu lado. Não aqui, a lutar para sobreviver, a agarrar-me a uma vida que não faz sentido sem ele.

Um soluço sobe-me vigorosamente do peito, exigindo ser ouvido entre os angustiantes chamados das outras criaturas. Consigo sufocá-lo,

cobrindo a boca com as costas da mão e pestanejando para afastar as lágrimas.

Por um breve momento, pondero sair para campo aberto e agitar os braços até uma flecha ou duas extinguirem a dor no meu peito. Mas sei o que aconteceria se o fizesse. Não encontraria o almejado alívio da morte, só o renovado purgatório de ser prisioneira daquele selvagem.

Encho os pulmões do ar húmido e pegajoso e arranjo coragem para atirar o punhado de terra para o outro lado do caminho, apontando a um aglomerado de viçosas palmeiras onde facilmente me podia ter escondido.

O caçador para bruscamente assim que ouve o som. Lenta e silenciosamente, vira-se sem sair do lugar e dá dois passos em direção às palmeiras, estudando-as atentamente.

É então que fujo.

Tento mover-me o mais silenciosamente possível, mas ele ouve-me na mesma. Quando está pronto para disparar a sua flecha, chego ao abrigo do grande cipreste, lutando para abrandar um pouco a minha respiração.

– Sorrateira, a minha pequena Daisy – diz ele. Parte da anterior euforia na sua voz foi agora substituída por uma raiva crescente. – Mas basta de jogos por esta noite. Está a fazer-se tarde e eu tenho planos para ti. – As suas lascivas e horripilantes casquinadas silenciam os sapos por um momento. – Caramba, se tenho planos para ti... Vais adorar cada minuto.

As suas palavras enchem-me o coração de terror. Tudo o que promete é cumprido em décuplo. Aprendi-o da maneira mais difícil. As suas palavras paralisam-me como o olhar de uma serpente mortífera mesmo antes da mordedura letal.

Começa a avançar para mim com passos decididos, pesados, favorecendo a perna direita. O meu coração palpita-me contra o peito ao aperceber-me de que não posso ficar muito mais tempo onde estou e que não me encontro pronta para voltar a fugir. Os últimos resquícios de luz do dia desintegram-se rapidamente, como teias de aranha sopradas pelo vento, e mal consigo ver alguns metros à minha frente. Fios de musgo ondulam suavemente sob a brisa calma, como fantasmas a assombrar a floresta infernal.

Com os joelhos subitamente a fraquejar, agarro-me ao tronco da árvore e firmo-me.

– Deixa-te disso – digo a mim mesma, num sussurro zangado por entre dentes cerrados.

Vou conseguir. Sei que vou.

Tenho de conseguir.

Está quase suficientemente perto para me agarrar no braço quando desato a correr o mais depressa que posso, ziguezagueando por entre as árvores, sustendo a respiração e obrigando-me a não olhar para trás.

– Ah, aí estás tu – diz ele, causando-me arrepios na espinha.

Segue-me, ganhando terreno apesar do seu coxear. Não olho para trás; oiço apenas a sua respiração e os passos pesados enquanto corro desesperadamente de um lado para o outro, sabendo que é a minha única hipótese de escapar às suas flechas.

O som de uma corda a retesar-se fende o ar como um chicote.

Grito e caio ao chão, sem fôlego.

2

VIAAGEM DE PESCA

O *Tide Life* aproximava-se do molhe um pouco depressa de mais. Um barco de pesca verde-claro, com uma consola central de nove metros e dois poderosos motores, era o orgulho e a alegria do seu novo proprietário, um camionista de longo curso chamado Tim Haskett. Cada dólar que ganhara nos últimos três anos tinha sido afundado naquele barco e em todo o material de melhoramento com que o equipara. Depois, viera o equipamento de pesca, e um homem podia chegar a gastar milhares, racionalizando então pateticamente o investimento dizendo que poupava dinheiro em comida, ao pôr peixe na mesa do jantar de vez em quando.

Tim e o seu companheiro de pesca, Freddie Caufield, ainda só haviam saído com o *Tide Life* algumas vezes. Sempre que tinham um dia de folga do trabalho com tempo decente, encontravam-se na rampa antes do amanhecer, com Tim a rebocar o barco com a sua carrinha *RAM* de rodas duplas e Freddie a levar a cerveja no seu velho *Toyota*. Freddie não tinha dinheiro para barcos, carrinhas e sofisticados molinetes de água salgada. Tinha uma bebé de seis meses, um filho a começar a andar pelas velhas tábuas rangentes do soalho do seu rancho e um terceiro bebé a caminho. Não lhe restava dinheiro para diversões.

Algumas horas a pescar e a beber sob o vigoroso sol da Florida deixavam ambos os homens com um escaldão e mais do que um

pouco ébrios. Era fácil perder a conta às latas de cerveja esvaziadas e esmagadas antes de serem atiradas de novo para a geleira aberta, com todo o entusiasmo e o vento a bater-lhes nos rostos, puxando ao máximo pelos dois motores *Yamaha* nas águas reluzentes do Golfo.

– Ei, cuidado – disse Freddie, temperando o entusiasmo do amigo. – Vais bater com força. – Franziu o cenho ao molhe que se aproximava, agarrando-se à torre, pronto para saltar para o cais para amarrar as cordas.

– Vai entrar direitinho – respondeu Tim. O tom de incerteza na sua voz não batia certo com a tranquilização das suas palavras. Segurava o manípulo do leme com uma mão enquanto a outra apertava o acelerador, com os nós dos dedos brancos, pronta a dar-lhe gás. O barco deslizava pelas águas calmas em ponto-morto, a um ritmo veloz, arrastado de lado pelas fortes correntes.

– Vai bater! – gritou Freddie, agarrando-se à barra da torre com as duas mãos e preparando-se para o impacto.

– Raios me partam! – praguejou Tim, empurrando o acelerador para fazer inversão de marcha. Os motores silvaram e começaram a afastar o barco do cais mesmo no último instante. O casco raspou contra o molhe com um ruído que fez Tim ranger os dentes. – Filho da mãe.

O barco continuou em marcha-atrás até ficar a uma distância segura do molhe, altura em que Tim pôs novamente o acelerador em ponto morto. Debruçou-se do trincaniz de bombordo para ver os estragos e soltou prontamente uma torrente de obscenidades.

– São milhares de dólares em danos. Raios me partam.

Freddie abriu uma lata de cerveja e estendeu-a ao amigo como se fosse a suprema panaceia. Ele pegou-lhe e bebeu avidamente metade.

– É mais fácil entrar em marcha-atrás num cais de carga com um camião de dezoito rodas, de noite e à chuva, não é verdade? – perguntou Freddie, abrindo outra bebida para si.

– Pois claro. Posso fazer isso a dormir. Mas esta coisa vai simplesmente para onde lhe apetece.

– Vamos apanhar-lhe o jeito. – Freddie ergueu a sua cerveja gelada num brinde silencioso ao amigo. – Quando estiveres pronto, companheiro. Estou a modos que com fome – acrescentou suavemente,

ao fim de algum tempo. Ao contrário do amigo, tinha um almoço de família a que ir, ou provavelmente ia passar a semana de castigo. Tim havia reparado que a mulher de Freddie começara a perder o sentido de humor após o segundo filho de ambos.

Despachando o resto da sua *Heineken*, Tim atirou a lata esmagada para a geleira, lançando depois um olhar perscrutador ao molhe como se este fosse algum inimigo pronto para o enfrentar de armas em riste.

Desta vez, aproximou-se a uma velocidade baixíssima e mudou para ponto-morto quando ainda estava a alguns metros do molhe. O impulso e as correntes assumiram o controlo e depositaram suavemente o barco no cais, perfeitamente alinhado e sem mais nenhum arranhão.

Segurando as cordas, Freddie saltou para o molhe e enrolou-as rapidamente nos cunhos, voltando depois para dentro do barco e começando a descarregar o equipamento.

Um guarda-florestal escolheu esse preciso momento para passar pelo parque de estacionamento da rampa dos barcos no seu veículo identificado. Abrandou ao passar pelo molhe, tirando-lhes longamente as medidas.

– Merda, pá – sussurrou Tim, esforçando-se ao máximo para não olhar fixamente para o guarda. – É melhor que não venha cá perguntar-nos pelo que pescámos.

Freddie lançou um rápido olhar ao guarda que se aproximava, fechando depois a tampa da geleira e depositando-a no molhe.

– Não. Vai-se embora não tarda.

– Disse-te que o devíamos ter devolvido ao mar – resmungou Tim. – Para quê arriscar? Dá azar, digo-te eu.

Freddie não respondeu. Limitou-se a enrolar calmamente a corda da âncora, mantendo os olhos fixos no guarda que passava. A pala do boné e uns *Ray-Ban* espelhados protegiam o seu olhar da vista do guarda.

– O que fazemos agora? – perguntou Tim, lançando olhares de soslaio a um dos compartimentos de armazenamento do barco, onde estava escondido um ilegal tubarão-martelo.

– Podíamos deixá-lo aqui, no barco – respondeu Freddie. – Pomos os galha-preta na tua carrinha como se fosse tudo o que temos, tiramos o barco da água e partimos.